

Horizonte de poeta

O diplomata carioca Felipe Fortuna escreve versos tristes "e sem sono" em sua tentativa de entender a cidade e o mundo. Mas o que ele vê da sala de seu apartamento é de aliviar a alma

» LARISSA LEITE

Fotos: Carlos Silva/CB/D.A Press



São mais de seis metros de janela, banhada por copas de árvores que acolhem maritacas pela manhã. Debaixo dela, há um trânsito contínuo de pedestres. Às vezes, ouvem-se latidos de cães ou choro de bebês. O poeta e diplomata carioca Felipe Fortuna conta que, em caminhadas diárias, se junta ao movimento na calçada que contorna a quadra. Mas é da janela do 5º andar, do Bloco B, da 213 Sul, que ele ainda se esforça para entender a cidade (e o mundo). Lá está, no poema *Pela janela*: "Elejo esta hora sem sono — hora despida de sede — para escrever, verso medido, a claridade; o gesto; ou isso (...)"

O poeta já revelou toda a desesperança no poema intitulado *Candango*: "Brasília é um passeio triste. A cidade afasta o corpo. (...) Você veio para cá: a cidade o transformará em vício". Uma das sensações que teve ao chegar à capital foi perceber que Brasília não respeita a si mesma. "Quando descobri que não era possível dar uma volta a pé na circunferência do Lago Paranoá, fiquei chocado. Achei que teria uma orla. Considero esse um erro urbanístico grave." Em seguida, o diplomata se rende: "Na verdade, não tenho do que reclamar. Me sinto muito bem. Estou no meio do cerrado, e tenho uma vista que dá para árvores pomposas".

Fortuna descreve com prazer uma paisagem que ele viu crescer, já que morou na cidade pela primeira vez em 1989. "As árvores eram bem menores, e agora elas ultrapassam o 6º andar do prédio." O verde, para ele, lembra o entorno do bairro de Santa Teresa, no Rio de Janeiro, onde

"Na verdade, não tenho do que reclamar. Me sinto muito bem. Estou no meio do cerrado, e tenho uma vista que dá para árvores pomposas"



cresceu. "Na nossa casa tinha uma vegetação parecida com esta que vejo da minha janela", lembra. "Todas as pessoas que viajam buscam identidade com

o lugar, coisas que tornam agradável o ambiente", completa o diplomata, que já morou em outros três países. Antes de as árvores crescerem tanto, Fortuna

conseguia ver o Lago Paranoá à esquerda da janela, e o Aeroporto Juscelino Kubitschek, à direita.

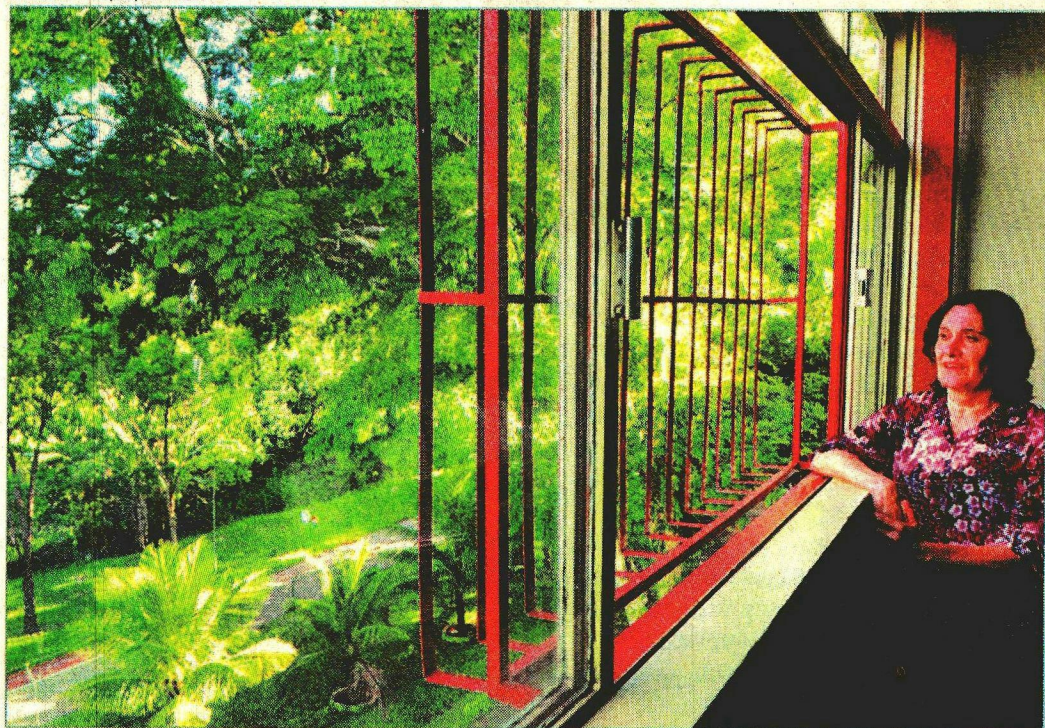
Faltam nomes às vias e logradouros da cidade, diz Fortuna.

"É esquisito ir à Praça dos Três Poderes. Dá a ideia de que o importante não são as pessoas, mas o poder. Quando cheguei, também tive a impressão de

que Brasília tivesse sido construída em um papel quadriculado, onde as pessoas brincavam de Batalha Naval. Aqui, você dá uma posição, e não um endereço cultural." O poeta não acredita, no entanto, que o temperamento dos habitantes seja influenciado pela matemática dos endereços: "Tem gente aqui de todos os lugares, é só uma característica da cidade".

Uma luz imensa entra pela janela do apartamento e ilumina a poltrona à esquerda. Adiante, uma estante com 6 mil livros espera pelo poeta todos os dias. "Detesto as coisas inacabadas. Nós poderíamos ser os únicos animais definitivos. Mas transitamos sem conhecer o centro do nosso giro. (...) Sim, não somos definitivos", escreve o poeta. Do outro lado da janela, os carros passam entre a quadra e o posto de gasolina em direção à comercial, às tesorinhas, ao Eixão, ao Eixo Monumental, à Praça dos Três Poderes e conduzem a inspiração do poeta.

Daniel Ferreira/CB/D.A Press



JANELA DA 415 NORTE

Quem não conhece o Plano Piloto deve considerar pouco provável que na capital planejada, feita de concreto e vidro, se possa morar perto de tucanos, pássaros de várias espécies e vários animais selvagens da fauna do cerrado. Mas, para a funcionária pública Maria Nasaré Corrêa, é realidade. Há 10 anos, ela mora na 415 Norte, em frente ao Parque Olhos D'Água, e usufrui da beleza da flora e da fauna como se vivesse na floresta. Esta é a primeira visão da mineira ao se debruçar na janela do seu apartamento: árvores de diversas espécies, uma pista para andar ou correr ao redor da mata candanga e o céu do Planalto Central. Imaginando, parece estarmos falando de uma obra de arte. E é. Mas é real. "Parece mesmo uma fazenda. Todos os dias eu caminho por lá e vejo as pessoas pegando manga, banana. Logo ali ao lado (ela aponta para o canto esquerdo do Parque), tem um laguinho e uma ponte. É lindo. Foi uma grande sacada reservar esse espaço para a população. Isso traz um conforto psicológico muito grande", vangloria-se Nasaré.

JANELA DO QG

Os olhos pretos do sargento José Roberto Vieira Dias, grudados à janela, seguiam cada movimento fora do prédio principal do Quartel-General do Exército. Era Dia da Engenharia, data que merece cerimônia solene. A banda estava posicionada em frente ao Palanque

Monumental e de costas para o grande prédio de linhas verticais, onde Roberto se encontrava. O QG, projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer e projeto paisagístico de Burle Marx, é um conjunto de 10 edifícios. A grama verdinha e bem cuidada que alcança todo o espaço se sobressai em meio a um ambiente dominado pelo concreto. A concha acústica, o obelisco, a Praça dos Cristais, o teatro Pedro Calmon (este com um curioso formato que se confunde com um grande "eme" de militar e uma barraca de acampamento ao estilo modernista), todos situados em uma área plana como Brasília, ajudam a compor o visual do local inaugurado em 1973 e admirado por Roberto, que estava de pé e espreitava a paisagem por meio de uma janela de mais ou menos 1,80m e cerca de 80 cm de largura. "As músicas, as roupas. Eles tocam o Hino Nacional, é muito bonito. Quando posso, fico olhando", conta, acanhado, o sargento de 42 anos que está no Exército há 23.

